

5. Conclusão

A reflexão sobre o desconforto característico da segunda metade do século XX tratado na primeira parte do texto, relacionado ao colapso dos conceitos e da realidade vivida pela própria modernidade, não deixa de mostrar o quanto a tradição moderna era e ainda é forte a ponto de continuar como referência, mesmo que seja para negá-la. Devido a essa força vivemos em um mundo que há muito não é mais, mas que também, não é ainda, justamente pelo fato de não superar o referencial moderno. Referencial esse que na verdade deixou a realidade contemporânea sem raízes a ponto de não saber mesmo o que é. A partir das discussões promovidas ao longo dessa dissertação é possível tomar o pensamento arendtiano como um pensamento que de maneira geral está preocupado com o debate, reflexão e compreensão de questões que se colocam na contemporaneidade a partir do momento em que esta se vê carente de referenciais que a ajudem a compreender sua própria realidade. Dessa forma o trabalho de Arendt não deixa de ser um testemunho dessa realidade e das implicações referentes à falta de herança conceitual e filosófica do mundo moderno. Por isso a preocupação da autora em tratar, ou melhor, explicar a crise do mundo moderno como a crise advinda de um modo de tomar a ação e a história que possibilitou os terríveis acontecimentos do século XX que só podem ser explicados ou justificados pelo afastamento do homem de sua condição humana, isso é, pela alienação e pelo afastamento de quem ele próprio é. Portanto, a explicação arendtiana para a crise, de certa forma, trabalha com a idéia de que essa alienação, responsável pela associação da ação à fabricação, e conseqüentemente, pelo distanciamento do discurso, isso é, da possibilidade de expressar esses atos em palavras, foi responsável pela impossibilidade de reflexão dos mesmos. Dessa maneira quando os atos pareciam estar terminados, com uma quantidade de mortos jamais imaginada, foi impossibilitada não só uma compreensão e explicação do porque os mesmos ocorreram, como também, de se achar culpados, responsáveis pelos mesmos.

O afastamento do homem de sua condição humana, isso é, de sua condição de necessidade, mundanidade e pluralidade, realizada pela época moderna teria possibilitado como conseqüência esses acontecimentos advindos de ações não

refletidas e pensadas. Aqui se pode também achar uma explicação de Arendt para esses acontecimentos. Pois, talvez se o homem não estivesse tão afastado da reflexão de quem ele próprio é e dessa forma do que significa a ação para essa sua realidade, esses acontecimentos teriam sido evitados, ou mesmo, não encontrariam a possibilidade de se realizarem de fato. Além disso, está presente nessa discussão uma tentativa de, novamente, unir os homens no sentido de que a convivência com os outros é importante tanto para o aparecimento de seu quem como para a manutenção da dignidade humana que está no fato de que o homem é diferente de todos os outros seres vivos que existem na Terra. E essa diferença é marcada justamente por sua condição política, pelo fato de que apesar de biologicamente igual, é diferente e singular em relação aos seus pares e que para exercitar essa realidade singular o homem necessita da garantia de um espaço propício ao seu aparecimento enquanto homem. A dignidade humana, portanto, está ligada a liberdade humana disponível para cada homem de ser quem ele é, com total liberdade para agir e falar no espaço público, de maneira que possa ser reconhecido pelos outros homens, e dessa forma, criar o inesperado, a novidade inerente a cada nascimento.

A partir dessa concepção também é possível notar a importância do entendimento do que é a história para a realidade da vida humana, na medida em que ela atravessa essa realidade condicionando-a e ao mesmo tempo sendo condicionada por ela. Dessa maneira pode-se pensar a história hoje e a maneira como está disponibilizada tanto para os homens em geral quanto para os historiadores profissionais, isso é, aqueles responsáveis por sua escrita. Esses podem refletir sobre sua própria atividade e até mesmo sobre as responsabilidades implícitas na mesma, na medida em que o modo de tratamento historiográfico é ele mesmo um reflexo da maneira que os homens se conectam com a realidade e com as dimensões temporais de passado, presente e futuro, que somente mostram-se disponíveis quando o homem é inserido no tempo e reflete sobre ele. Essa mesma relação entre passado, presente e futuro e sua conexão é característica dos diversos significados que o conceito de história ganhou ao longo do tempo. Portanto, o entendimento aprofundado da modernidade faz com que seja possível compreender de que maneira a inteligibilidade de mundo, isso é, os modos de conexão temporal entre passado, presente e futuro são importantes para o

entendimento da história. O trabalho apresenta assim pretensões auto-reflexivas na medida em que busca pensar as características da história que se encontra disponível para os historiadores da atualidade. Continua-se a produzir história, porém, não se sabe mais ao certo qual é a sua função. Talvez a própria idéia fixa de que é preciso que a história tenha uma função seja relacionada aos fortes referenciais modernos.